

ROBERT GALBRAITH

VOCAÇÃO
PARA O MAL

TRADUÇÃO DE
RYTA VINAGRE

Rocco

2011

This Ain't The Summer of Love

Ele não conseguira limpar todo o sangue da mulher. Ficou uma linha escura, feito um parêntese, sob a unha do dedo médio da sua mão esquerda. Ele decidiu raspá-la, embora lhe agradasse muito vê-la ali: uma lembrança dos prazeres da véspera. Depois de um minuto esfregando em vão, ele pôs a unha manchada de sangue na boca e chupou. O gosto de ferro lembrava o cheiro da enxurrada esguichando desenfreada no piso frio, borrifando as paredes, ensopando seu jeans e transformando as toalhas de banho pêssego – felpudas, secas e elegantemente dobradas – em trapos encharcados de sangue.

As cores pareciam mais vivas esta manhã, o mundo, um lugar mais aprazível. Ele se sentia sereno e revigorado, como se a tivesse absorvido, como se a vida dela tivesse chegado a ele por transfusão. Elas pertenciam a você depois que as matava: era uma posse que ia além do sexo. Mesmo saber como pareciam no momento da morte era de uma intimidade que superava qualquer coisa que dois corpos vivos pudessem experimentar.

Com um arrepio de excitação, refletiu que ninguém sabia o que ele havia feito, nem o que planejava fazer em seguida. Chupou o dedo médio, feliz e pacificado, encostando-se na parede morna ao sol fraco de abril, de olho na casa do outro lado da rua.

Não era uma casa elegante. Banal. Sem dúvida um lugar melhor para se morar do que aquele apartamento minúsculo onde as roupas endurecidas do sangue de ontem estavam em sacos de lixo preto aguardando a incineração, e onde suas fâças reluziam, lavadas com água sanitária, escondidas atrás do sifão embaixo da pia da cozinha.

A casa tinha um pequeno jardim na frente, grades pretas e um gramado que precisava ser aparado. As duas portas principais brancas foram espremidas lado a lado, mostrando que a construção de três andares fora convertida em apartamentos em cima e embaixo. Uma garota chamada Robin Ellacott morava no térreo. Embora tenha feito de tudo para descobrir o seu nome verdadeiro, mentalmente ele a chamava de A Secretária. Acabara de vê-la passar diante da janela saliente do térreo, facilmente reconhecível pelo cabelo claro.

Observar A Secretária era um bônus, um complemento prazeroso. Ele tinha algumas horas de sobra, assim decidira vir vê-la. Hoje era um dia de descanso, entre as glórias da véspera e o amanhã, entre a satisfação do já realizado e o entusiasmo pelo que aconteceria depois.

A porta da direita abriu inesperadamente e A Secretária saiu, acompanhada de um homem.

Ainda encostado na parede morna, ele olhou para a rua toda, virado de perfil, para dar a impressão de que esperava um amigo. Nenhum dos dois prestou a menor atenção nele. Seguiram pela rua lado a lado. Depois de lhes dar um minuto de vantagem, decidiu segui-los.

Ela vestia jeans, um casaco leve e botas rasteiras. O cabelo ondulado e comprido era ligeiramente arruivado, agora que ele podia vê-la à luz do sol. Pensou ter detectado certa reserva entre o casal, que não conversava.

Ele sabia interpretar as pessoas. Tinha interpretado e seduzido a garota que morrera ontem em meio às toalhas pêssego encharcadas de sangue.

Ele os seguiu pela extensa rua residencial, de mãos nos bolsos, caminhando devagar como quem vai às compras, seus óculos escuros um lugar-comum naquela manhã luminosa. A leve brisa da primavera balançava suavemente as árvores. No final da rua, a dupla à frente virou à esquerda em uma via pública larga, movimentada e ladeada de escritórios. O vidro das janelas refletiu o sol enquanto eles passavam pelo prédio da junta administrativa de Ealing.

Agora o colega de apartamento, ou namorado, da Secretária, seja o que for – de perfil arrumadinho e queixo quadrado – estava falando com ela. Ela deu uma resposta curta e não sorriu.

As mulheres eram tão insignificantes, más, sujas e mesquinhas. Vacas ressentidas, todas elas, esperando que os homens as façam felizes. Só quan-

do jazem mortas e vazias diante de você, é que se purificam, tornam-se misteriosas e até maravilhosas. Então elas são inteiramente suas, incapazes de discutir, lutar ou ir embora, são suas para você fazer o que quiser. Ontem o cadáver da outra estava pesado e mole, depois de ele ter drenado o seu sangue: seu brinquete em tamanho natural, o brinquedo dele.

Por todo o movimentado centro comercial Arcadia, ele seguiu A Secretária e o namorado, deslizando atrás deles como um fantasma ou um deus. Será que os consumidores de sábado chegavam a vê-lo, ou ele de algum modo estava transformado, duplamente vivo, com o dom da invisibilidade?

Eles pararam em um ponto de ônibus. Ele ficou esperando por perto, fingindo olhar pela porta de um restaurante indiano, ou uma pilha alta de frutas na frente de um mercadinho, máscaras de papelão do príncipe William e de Kate Middleton penduradas na vitrine de um jornaleiro, observando o reflexo deles no vidro.

Eles iam pegar a linha 83. Ele não tinha muito dinheiro no bolso, mas era um prazer tão grande observá-la que ainda não queria que terminasse. Enquanto embarcava atrás dos dois, ouviu o homem mencionar Wembley Central. Ele comprou uma passagem e seguiu o casal até o andar de cima.

Os dois encontraram um banco duplo e sentaram juntos bem na frente do ônibus. Ele pegou um lugar próximo, ao lado de uma mulher amuada que foi obrigada a deslocar suas sacolas de compras. As vozes dos dois às vezes eram ouvidas por cima do zum-zum dos outros passageiros. Quando não falava, A Secretária olhava pela janela, sem sorrir. Ela não queria ir aonde os dois estavam indo, disto ele teve certeza. Quando ela tirou uma mecha de cabelo dos olhos, ele notou uma aliança de noivado. Então ela ia se casar... ou assim pensava. Ele escondeu um sorrisinho na gola levantada do casaco.

O sol quente do meio-dia entrava pelas janelas pontilhadas de sujeira do ônibus. Um grupo de homens entrou e ocupou os bancos em volta. Dois deles usavam camisas de rúgbi vermelhas e pretas.

Ele sentiu, de repente, que a radiância do dia havia diminuído. Aquelas camisas, com a estrela e o crescente lunar, traziam associações de que não gostava nada. Lembravam-no de uma época em que não se sentia um deus. Ele não queria o seu dia feliz manchado e maculado por antigas lembranças, lembranças ruins, mas sua euforia estava subitamente se esvaindo. Agora

furioso – um adolescente do grupo o encarou, mas na mesma hora desviou os olhos, alarmado –, ele se levantou e foi para a escada.

Um pai e seu filho pequeno seguravam firme a barra ao lado das portas do ônibus. Uma explosão de raiva na boca do estômago: *ele* é que devia ter tido um filho. Ou melhor, ele *ainda* devia ter um filho. Imaginou o menino ao lado dele, olhando-o de baixo, venerando-o como a um herói –, mas seu filho se fora há muito tempo, e tudo por culpa de um homem chamado Cormoran Strike.

Ele se vingaria de Cormoran Strike. Ia acabar com ele.

Ao chegar à calçada, ele olhou o vidro frontal do ônibus e teve um último vislumbre da cabeça dourada da Secretária. Ele a veria novamente em menos de 24 horas. Este pensamento ajudou a acalmar a fúria repentina provocada pela visão daquelas camisas do Saracens. O ônibus se afastou aos rancos e ele seguiu na direção contrária, tranquilizando-se ao caminhar.

Tinha um plano fantástico. Ninguém sabia. Ninguém suspeitava. E havia algo muito especial esperando por ele na geladeira em casa.

2

A rock through a window never comes with a kiss.

Bluc Öyster Cult, "Madness to the Method"

Robin Ellacott tinha 26 anos e estava noiva havia mais de um ano. O casamento deveria ter acontecido três meses antes, mas a morte inesperada da futura sogra provocou o adiamento da cerimônia. Muita coisa aconteceu nos três meses desde a data prevista do casamento. Será que ela e Matthew estariam se entendendo melhor se tivessem trocado os votos?, perguntou-se Robin. Será que estariam discutindo menos, se houvesse uma aliança de ouro embaixo do anel de noivado de safira que ficara meio frouxo no dedo?

Esforzando-se para passar pelo entulho na Tottenham Court Road na manhã de segunda-feira, Robin reviveu mentalmente a discussão do dia anterior. As sementes foram lançadas antes mesmo de eles saírem de casa para o jogo de rúgbi. Sempre que se encontravam com Sarah Shadlock e o namorado Tom, parecia que Robin e Matthew brigavam, algo que Robin observou enquanto a discussão, que vinha fermentando desde o jogo, arrastou-se até altas horas da noite.

– Foi provocação de Sarah, pelo amor de Deus... Não consegue enxergar isso? Foi *ela* que ficou perguntando tudo sobre ele, sem parar, não fui eu que comecei...

As eternas obras na rua perto da estação Tottenham Court Road vinham obstruindo a caminhada de Robin para o trabalho desde que ela começou na agência do detetive particular na Denmark Street. Seu humor não melhorou quando tropeçou em um bloco de pedra; ela cambaleou alguns passos e recuperou o equilíbrio. Uma saraivada de assovios e comentários obscenos partiu de um enorme buraco na rua, cheio de homens de capacete

e casaco fluorescente. Sacudindo dos olhos o cabelo louro-arruivado e comprido, ruborizada, ela os ignorou, os pensamentos voltando irresistivelmente a Sarah Shadlock e suas perguntas insistentes e maliciosas sobre o chefe de Robin.

– Mas ele é *estranhamente* atraente, não? De uma aparência assim meio caída, mas nunca liguei para isso. E pessoalmente, ele é sexy? Ele é grandalhão, não é?

Robin vira o queixo de Matthew tensionado enquanto ela tentava dar respostas frias e indiferentes.

– São só vocês dois no escritório? Sério? Não tem mais ninguém?

Piranha, pensou Robin, cujo bom humor habitual nunca se estendia a Sarah Shadlock. *Ela sabia muito bem o que estava fazendo.*

– É verdade que ele foi condecorado no Afeganistão? É? Nossa, então também estamos falando de um herói de guerra?

Robin tentara ao máximo calar aquele monólogo de Sarah endeusando Cormoran Strike, mas foi em vão: perto do final da partida, uma frieza havia penetrado nas atitudes de Matthew para com a noiva. Mas no caminho de volta da Vicarage Road, o desagrado dele não o impedira de trocar provocações e rir com Sarah, e Tom, que Robin achava chato e obtuso, dera gargalhadas sem perceber qualquer intenção oculta.

Levando esbarrões de quem também fugia das trincheiras abertas na rua, Robin por fim chegou à calçada oposta, passando pela sombra do monólito de concreto quadriculado que era o Centre Point e se enfurecendo de novo ao lembrar do que Matthew lhe dissera à meia-noite, quando a discussão explodiu.

– Você não consegue parar de falar nele, não é? Eu te ouvi, com Sarah...

– Não fui *eu* quem começou a falar nele de novo, foi *ela*, você não estava prestando atenção...

Mas Matthew a imitara, usando a voz genérica que servia para todas as mulheres, aguda e imbeciloide:

– *Ah, o cabelo dele é tão lindo...*

– Pelo amor de Deus, você está totalmente paranoico! – Robin gritou.
– *Sarah* é que não parava de falar da porcaria do cabelo de Jacques Burger, não do de Cormoran, e só o que eu disse foi...

– “*Não do de Cormoran*” – repetira ele com um gritinho idiota. Ao virar a esquina para a Denmark Street, Robin sentiu-se tão furiosa quanto oito horas antes, ao sair intempestivamente do quarto para dormir no sofá.

Sarah Shadlock, a maldita Sarah Shadlock, que foi colega de universidade de Matthew e tentou ao máximo tirá-lo de Robin, a garota que ficou para trás em Yorkshire... Se Robin pudesse ter certeza de que jamais voltaria a ver Sarah, ficaria exultante, mas Sarah estaria no casamento deles em julho, Sarah sem dúvida continuaria a atormentar a vida de casados e talvez um dia tentasse se imiscuir no trabalho de Robin para conhecer Strike, se o interesse dela fosse autêntico e não apenas um meio de semear a discórdia entre Robin e Matthew.

Eu nunca vou apresentá-la a Cormoran, pensou Robin com selvageria ao se aproximar do mensageiro parado diante da portaria do escritório. Ele tinha uma prancheta na mão enluvada e um pacote retangular e comprido na outra.

– É para Ellacott? – perguntou Robin ao chegar à distância de ser ouvida. Esperava uma encomenda de câmeras descartáveis revestidas de cartolina marfim que seriam os brindes na recepção do casamento. Seu horário de trabalho ficara tão irregular ultimamente que ela achou mais fácil receber no trabalho, e não em casa, os pedidos feitos pela internet.

O mensageiro assentiu e estendeu a prancheta sem tirar o capacete de motociclista. Robin assinou e pegou o pacote comprido, muito mais pesado do que esperava; quando o colocou debaixo do braço, parecia que um só objeto grande deslizava dentro dele.

– Obrigada – disse ela, mas o mensageiro já havia se virado e passado uma perna pela moto. Ela o viu se afastar enquanto entrava no prédio.

Robin subiu a reverberante escada de metal que contornava o elevador de gaiola quebrado, os saltos batendo no metal. A porta de vidro cintilou quando ela a destrancou, abriu e os dizeres gravados – C. B. STRIKE, INVESTIGADOR PARTICULAR – destacaram-se sombriamente.

Ela chegou cedo de propósito. No momento, eles estavam inundados de casos e ela queria colocar em dia parte da papelada antes de reassumir a vigilância diária de uma jovem lap-dancer russa. Pelo barulho de passos pesados no alto, ela deduziu que Strike ainda estava em seu apartamento no andar de cima.

Robin colocou o pacote oblongo na mesa, tirou o casaco e o pendurou junto com a bolsa em um gancho atrás da porta, acendeu a luz, encheu a chaleira e ligou, depois estendeu a mão para o abridor de cartas na mesa. Lembrando-se da recusa categórica de Matthew em acreditar que ela estivera admirando a cabeleira cacheada do asa Jacques Burger, e não o cabelo curto de pentelho de Strike, ela fez um corte furioso na ponta do pacote, correu a lâmina e abriu a caixa.

Uma perna decepada de mulher fora atochada dentro da caixa, os dedos dos pés dobrados para trás a fim de caber.